

OS NOMES DAS RUAS

Toponímia da Freguesia de Ourique

Henrique Figueira
Vitor Encarnação

OS NOMES DAS RUAS

A Toponímia da Freguesia de Ourique

Henrique Figueira
Vitor Encarnação
Valter Bento



Edição | ORIK - Associação de Defesa do Património de Ourique

Texto | Henrique Figueira e Vítor Encarnação

Fotografia | Valter Bento

abril de 2014

Concepção Gráfica | Joaquim Rosa

Tiragem | 300 exemplares

Impressão | Gráfica Comercial

Depósito Legal |

A toponímia, espelho de memória e de identidade

Poder-se-á perguntar das razões por que, na actualidade e de um momento para o outro, começaram a surgir, um pouco por toda a parte, livros dedicados à toponímia local.

E as razões são, na verdade, bem evidentes: primeiro, porque a avassaladora globalização e a vivência quotidiana a um nível quase planetário nos têm incitado a olharmos cada vez com maior atenção para o mundo concreto que nos rodeia, criando-se e cimentando-se uma cultura de proximidade maior.

Nesse âmbito, começamos a interrogar-nos sobre quem somos, quem foram os que estiveram no lugar onde nós agora estamos, quem ajudou na construção desta comunidade em que, afinal, estamos inseridos. E consciencializámo-nos bem depressa de que, afinal, esses letrados com que nos confrontamos no dia-a-dia, sem sequer nos preocuparmos muito com eles, constituem, de facto, um sinal do que fora esse passado das personagens que nos antecederam, dos filhos ilustres da terra onde vivemos. Caso não se tratasse de nomes de individualidades ou de datas marcantes da história da localidade ou do País, havia os termos indicativos de uma realidade que não se quisera deixar esquecer.

Verificámos também que a atribuição do nome a um local ou um arruamento não correspondia à vontade de apenas uma pessoa, mas sim de um colectivo, que a discutira, que pesara prós e contras, quer porque a personalidade cujo nome aí se desejava perpetuar poderia não colher unanimidade de simpatia, quer porque a população sempre se habituara a designar assim aquele sítio e por aí se deveria singrar.

Nas zonas onde há, por exemplo, dois idiomas oficiais as placas reflectem essa dualidade, não sendo despidendo – porque foi debatido – qual a língua que vem em primeiro lugar. Recordaria três exemplos:

– em Miranda do Douro, temos as placas em mirandês e em português: Augas Bibas / Águas Vivas;

– em Bruxelas, se o arruamento está do lado flamengo é em flamengo que vem o primeiro nome e em francês o segundo, ou vice-versa, se for do lado francês: Rue du Cornet / Hoorn Straat;

– curioso é, neste aspecto, o caso de Toulouse, onde o provençal há muito que não é falado, nem sequer pela população mais idosa; no entanto, as placas dos arruamentos consignam essa língua: Rue des Lois / Carrière de las Leis.

Em muitos sítios se tem procurado agora preservar a memória do sítio. Em Coruche, a praça principal ostenta placa com estes dizeres: «Praça da Liberdade / antiga Praça 5 de Outubro e Praça do Comercio», a documentar, eloquentemente, que, no século XIX, ali se movimentavam, de modo especial, os comerciantes e se faziam os negócios; após a revolução republicana, a população apressou-se a manifestar o seu apoio aos novos ideais, como, após o 25 de Abril, aspirando-se então por uma liberdade ansiada, essa palavra ali se perpetuou. Eloquente também se pode considerar, no seguimento do raciocínio atrás expresso, o que se passou na vila de Alcácer do Sal: numa ocasião, quis acentuar-se a antiguidade da urbe, as suas vetustas raízes e, por isso, nada se pensou melhor que dar a um largo o nome de um dos seus mais ilustres cidadãos romanos, Cornelius Bocchus; contudo, mais tar-

de se pensou que, de preferência a recordar romanos, interessante seria fixar o que fora a função do sítio, onde se haviam localizado os matadouros; desta sorte, a placa identifica, hoje, o Largo dos Açougues, mas, por baixo, explica-se: «(Antigo Largo Cornelio Bocho)»; açougues sabia-se o que era, esse tal de Cornélio Bocho levava para uma época bem longínqua em que, inclusive, eram outros os que por aqui mandavam!...

Bem andaram, pois, a Câmara e a Junta de Freguesia de Ourique em apoiar a investigação feita com vista a saber-se um pouco mais acerca dos homens e mulheres que figuram nas placas toponímicas da vila. Além do mais porque aí superiormente se espelha uma democracia que importa ser cada vez mais vivida e consciencializada.

Recorda-se o Pátio da Tia Camélia, a mulher do povo, a parteira (a «curiosa», dizia-se!...) que tantas mulheres ajudou a parir. E temos um capitão-mor, Camacho de Aboim; um homem das lides teatrais e das colectividades, Bartolomeu do Carmo; Basílio da Rosa Loures,

acérrimo defensor dos ideais republicanos; Virgílio Saque, advogado e político, a quem se deve o facto de ter sido Ourique uma das primeiras localidades do distrito de Beja a ter distribuição de água ao domicílio; ao agrónomo Senna Cabral, monárquico socialista, ficou a dever-se o incremento do regadio; o veterinário Francisco Pereira foi tenente que também nas lutas africanas se notabilizou...

É, pois, todo um reviver ouriquense – qual moldura digital onde, passo a passo, vão deslizando as fotografias do nosso encantamento, na vontade de imitar heroísmos, devoções, a dedicação aos outros.

Em cada placa, um gesto de reconhecimento; em cada reconhecimento, o apelo a fomentar comunhão, no sentido profundo do termo: comum união – a potenciar sinergias, pois só assim nos lograremos fortalecer contra quem insiste em nos amortilhar! Não haverá mortalhas! Mas, se as houver, terão um nome por cima – em preito de sempre encorajadora menagem!

José d'Encarnação